



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

**470 anos do 2º Governo Geral do Brasil com Duarte da costa - 460 anos do Armistício de Iperoígue - 400 anos do início da penetração de Bento Parente, Pedro Teixeira e Luis Aranha pelo rio Amazonas e fundação dos fortes de Desterro e Gurupá - 380 anos da criação do Conselho Ultramarino em Portugal - 320 anos do Tratado de Methuen - 270 anos do início da construção do Forte Jesus Maria José de Rio Pardo - 260 anos da elevação do Brasil a Vice-Reino - 220 anos do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva - 200 anos das vitórias nas guerras de independência (BA, MA, PI, PA e Cisplatina) - 180 anos do início das operações de Caxias contra a Revolução Farroupilha - 170 anos do rompimento das relações diplomáticas com a Inglaterra em função da Questão Christie - 120 anos da ocupação do Acre pelo Brasil - 100 anos da Revolução de 1923 no RS - 80 anos da criação da FEB - 50 anos do Acordo de Itaipu com o Paraguai**

**ANO 2023**

**Julho**

**Nº 432**

**[Holodomor, o Holocausto que não te contaram - Luan Sperandio – Instituto Liberal](#)**

**[@vimarchiesa.com.br](https://www.vimarchiesa.com.br)**

**V**ocê certamente já ouviu falar do Holocausto promovido pelos nazistas que vitimou cerca de 6 milhões de judeus durante a 2ª Guerra Mundial. Entretanto, um número muito menor de pessoas conhecem um outro crime contra a humanidade, desta vez protagonizado pela União Soviética, alguns anos antes: Holodomor, o chamado holocausto ucraniano.

Holodomor significa “deixar morrer de fome”, e foi exatamente isso que Josef Stalin fez contra o povo ucraniano.

Mas como um dos lugares com o solo mais fértil do planeta, com 42 milhões de hectares adequados para o plantio, poderia passar fome?

Tudo começou em 1928 com o programa de coletivização forçada da agricultura soviética, cujos resultados foram desastrosos. Essas mudanças na produção desorganizaram o plantio e a colheita, além do resultado previsível: ineficiência e desabastecimento.

Parcela de indivíduos sob controle soviético resistiu a esta coletivização, mas em nenhum lugar houve uma oposição tão forte como na Ucrânia, onde havia um forte movimento nacionalista que queria a independência da URSS.

### **A resistência ucraniana e a reação de Josef Stálin**

**P**ara sufocar essa dissidência, Josef Stálin iniciou uma campanha antiucraniana, expondo os intelectuais daquele país em julgamentos vexaminosos, além de atacar algumas pequenas organizações de caráter antissoviético.

Contudo, não parou por aí: ele mirou o ataque na própria população camponesa. A propaganda soviética começou a retratá-los como inimigos da revolução, pessoas mesquinhas que escondiam comida enquanto os trabalhadores das indústrias se sacrificavam para construir um novo mundo socialista.

Stalin estipulou metas de produção e entrega de cereais, as quais os ucranianos apenas conseguiriam cumprir caso parassem de se alimentar. Sua intenção era exterminar os fazendeiros ucranianos por meio da fome e, assim, quebrar qualquer resquício de movimento nacionalista que havia naquele país.

Para isso, para terror dos ucranianos, o governo soviético confiscou toda a comida estocada. Não parou por aí: tudo que era comestível foi apreendido, incluindo raízes, pequenos animais e grãos. Stálin foi além: proibiu as pessoas de saírem de sua região para procurarem comida.

Para isso, uma linha militar foi estabelecida ao redor da fronteira ucraniana para que ninguém ousasse fugir. Assim, muitas pessoas foram presas e condenadas a trabalhos forçados simplesmente por saírem de suas casas em busca de comida. Outras foram sumariamente fuziladas nas estações de trem ao tentarem fugir para outras regiões em busca de alimento.

Dessa forma, a maior parte das pessoas optou por ficar em casa, e assim se abateu uma grande e silenciosa fome sobre os ucranianos, matando-os de forma torturantemente dolorosa e lenta.

Ironicamente, tudo isso ocorreu enquanto a Ucrânia batia recordes de exportação de grãos: de 2,6 milhões de toneladas em 1929, aumentou para 48,4, 50 e 51,8 em 1930, 1931 e 1932.

Em 1933 e 1934, contudo, a exportação despencou para 17,6 milhões e 8,4 milhões respectivamente.

O número de ucranianos mortos por fome anualmente foi de mais de meio milhão, mas apenas em 1933 foi superior a 7 milhões!

## **A crueldade de Stálin**

**O**s países vizinhos ofereceram ajuda humanitária, mas Stálin sumariamente recusou. Afinal, o regime soviético precisava negar a existência desse genocídio, incluindo manipular a imprensa internacional convidando jornalistas correspondentes e vendendo um cenário falso.

Como definiu o historiador Thomas Woods, “aos poucos, os corpos de cadáveres se espalharam para todos os lados a partir de 1931, com um forte odor da morte pairando no ar”.

Famílias trocavam os corpos de seus familiares por algumas migalhas de pão dadas pelo exército da URSS, que jogavam os corpos em valas, incluindo até pessoas fracas, mas ainda com vida.

Desesperados, diversos ucranianos recorreram ao canibalismo. Mães se prostituíam em troca de algumas gramas de pão a fim de alimentar seus filhos. Diversas gestantes davam luz a bebês que nasciam e logo morriam, desnutridos.

Estimativas conservadoras apontam entre 6 a 8 milhões de mortes de ucranianos, mas há análises que consideram os efeitos prolongados dessa política perversa, calculando que o número pode ser superior a 14 milhões de pessoas.

## **O legado do Holodomor**

**A**té pouco antes do fim da União Soviética, em 1991, a população de outros países do bloco comunista nem sequer sabia o que havia acontecido.

Uma das principais pautas do governo ucraniano é a divulgação do terror sofrido por sua população nos anos 1930 para que as pessoas saibam o horror do socialismo. Tudo em nome de um projeto de poder.

Não à toa, Stálin é considerado responsável pelo programa de extermínio mais eficiente da história e os ucranianos possuem tanto medo dos russos.

## SÍNTESE DA HISTÓRIA DOS EUA ENTRE GUERRAS

Conforme o estudo de ARBEX Jr., José. A outra América – Apogeu, crise e decadência dos Estados Unidos. São Paulo: Moderna, 1993.

*“Temo pelo meu país quando reflito que Deus é justo”*

*Thomas Jefferson*

**C**Os EUA saíram da I GM em 1918 completamente transformados por meio de um surto produtivo e como a grande potência internacional. Começava uma nova era para o grande país do norte.

Antes disso, em 1917, ou seja, dois anos e meio após o início do grande conflito, os alemães afundaram oito navios norte-americanos (NA). Melhor seria se não o tivessem feito. O Presidente Woodrow Wilson respondeu à altura. E entrou na guerra de forma decisiva. Para isso, precisou aumentar substancialmente os efetivos das suas FFAA. E venceu.

Em 1919, ano seguinte ao final da guerra, Wilson era a favor da proposta dos Aliados por uma Liga das Nações, mas o Partido Republicano não. E então, em setembro deste ano, Wilson sofreu a gripe espanhola e um derrame que lhe levaram à paralisia. Sem esta liderança, o Congresso decidiu contra a entrada dos EUA na Liga. Foi o início do fim dela. E os americanos se isolaram do mundo. Mas não das dívidas dos países europeus devastados pela guerra.

Em 1920, o governo republicano negou as teorias de centralização econômica e se retirou totalmente da economia interna. Os muitos avanços tecnológicos obtidos com a produção de armamentos, foram compartilhados com as empresas privadas. E os bancos financiavam tudo. Uma onda de progresso. Parecia que ninguém mais seguraria os EUA. As indústrias de automóveis, do cinema e do rádio cresceram como nunca. Em 1930, ainda no início da grande depressão, 27 milhões de automóveis circulavam pelo país, enquanto 100 milhões de pessoas iam aos cinemas. E o rádio era o veículo de divulgação de tudo. A cultura e a história tiveram um surto de modernidade. Isto tudo formatou o “sonho americano”. O NA comum consumia de tudo, de cultura a aspiradores de pó. Ações de empresas se valorizavam de um dia para o outro. Wall Street se tornou a “medida de todas as coisas”, extrapolando Protágoras.

Enquanto isso, a Europa se debatia procurando superar as enormes dificuldades surgidas durante e após a guerra (vide Tratado de Versalhes). Foi neste contexto que surgiram na Alemanha partidos radicais. E na Rússia o “advento” maléfico de Josef Stálin trouxe a coletivização das terras. 13 milhões de pessoas morreram com o confisco e com o terror. Fome, medo e miséria causaram até canibalismo.

Mas nos EUA, o “manifest destiny” era o senso comum. Entretanto, as coisas começaram a mudar quando a indústria e a agricultura começaram a produzir mais do que era possível consumir. E a Europa também já importava menos. Caíram a renda agrícola e a compra de maquinaria. Resultado: as hipotecas foram “chamadas” para pagar a conta. Não conseguiram. Chegava a crise, e com força. Crise de abundância e não de carência. Em 1929, Wall

Street quebrou. A explicação? A diferença cada vez maior entre os preços finais das mercadorias e os preços das ações. No final do ano, as perdas da ITT e da GM chegaram a 15 bilhões de dólares. Talvez, hoje, 90 anos depois, isso equivalesse a US\$ 60 bilhões ou mais. Famílias inteiras perderam tudo e indústrias faliram aos milhares. 12 milhões de pessoas perderam seus empregos. Aquele gigante de somente dez anos atrás tinha pés de barro. Para piorar as coisas, no campo ideológico surgiu a simpatia pela revolução russa e o medo do “colapso econômico [...] do capitalismo” mencionado por Lênin. O Presidente Herbert Hoover tentou minimizar a situação, sem êxito, e perdeu para o grande homem NA do século XX – o democrata Franklin Delano Roosevelt. Formado em Harvard e ex-governador de Nova York FDR venceu Hoover nas eleições de 1932 manejando a proposta do New Deal (Novo Acordo). Antecipando-se a John Mainard Keynes, FDR defendia a forte intervenção do Estado na economia. Embora acusado de “socialista” e de “esquerdista” ele estava certo. Mas FDR tinha pressa e não podia ter medo de acusações infundadas. E ele atacou a Grande Depressão com vigor através do New Deal. E fez isso preso a uma cadeira de rodas, desde 1920. FDR sabia que, quando a economia ia mal o “social” é predominante. Quando está tudo bem, o conservadorismo fica mais forte e o “individualismo” retorna. Isto vale até hoje nos EUA (ver Arthur Schlesinger – Os ciclos da História americana, Civilização Brasileira, 1992).

FDR foi eleito por quatro vezes sucessivas à presidente. Deixou a Casa Branca somente em 1945 quando morreu. Como herança, deixou as maiores reformas e econômicas e sociais dos EUA no século XX:

- criou a National Recovery Administration (NRA) – Administração de Reconstrução Nacional, para ajudar os desempregados a conseguirem uma colocação nas frentes de trabalho do governo federal, para que pudessem receber pelo trabalho prestado e não viverem de esmola pública;
- montou uma estrutura nacional de seguro social;
- civilizou as relações entre capital e trabalho;
- assegurou um mínimo de bem-estar aos pobres;
- estabilizou a classe média (a coluna dorsal do capitalismo NA);
- deu garantias aos idosos, desempregados e inválidos;
- aprovou no Congresso programas de benefícios para cegos, aleijados e crianças excepcionais;
- aprovou o seguro-desemprego e serviços de saúde pública;
- aprovou a construção de barragens hidrelétricas, reaproveitamento do solo e fomento a atividades econômicas principalmente no Vale do Tennessee;
- desenvolveu forte campanha contra a corrupção no governo e contra o abuso de poder; e
- forçou um debate nacional sobre o Poder Judiciário, o qual era contra o New Deal (!).

A primeira etapa do New Deal foi a recuperação da economia. A segunda foi a das reformas estruturais de longo alcance. E então, veio a II GM. O Japão atacou Pearl Harbor dois anos e três meses depois de iniciada a guerra. Mas o New Deal já tinha superado a Grande Depressão. E foi ele que permitiu poder de combate aos EUA. E aconteceu o que já sabemos. De certa forma, quem venceu a guerra foi o New Deal. E depois dela o ND continuou a beneficiar a Europa.

Como diz José Arbex Jr.:



ATENÇÃO A GUARDA! que se aproxima, sereno, apumado e orgulhoso pela missão cumprida, crisol de nossa Pátria, exemplo de cidadão, um VETERANO do Exército Brasileiro.

\*Ten Veterano Sérgio Pinto MONTEIRO, presidente da Liga da Defesa Nacional no Rio de Janeiro, adaptação de um original chileno.

Hino da Liga da Defesa Nacional, gentileza do prezado amigo, ex-Presidente da LDN Cel Cav EM Veterano Marco Elias Danguí Pinheiro

## HINO DA LIGA DA DEFESA NACIONAL "CAVALEIROS DO CIVISMO"

LETRA E MÚSICA: CEL ATAIDE MORAES RODRIGUES  
ARRANJO E INSTRUMENTAÇÃO: MAESTRO VAINER DOS SANTOS RAMOS

### I

AVANTE CAVALEIROS DO CIVISMO  
BRADO FORTE EM PEITO AUDAZ  
EXALTANDO O PATRIOTISMO  
NOSSO HINO É REPLETO DE PAZ

### II

CONSCIENTES NOSSA PÁTRIA HONRAREMOS  
COM CARINHO E MUITO ARDOR  
O PENDÃO DO BRASIL IÇARE/MOS  
GARANTIA DE ETERNO VALOR

### ESTRIBILHO

Ó LIGA  
DA DEFESA  
NACIONAL  
PALADINA E SOBRANCEIRA  
POIS SERVIR É TEU NOBRE IDEAL  
À GRANDEZA  
BRASILEIRA

### III

ALTIVOS VAMOS NÓS Ó BRASILEIROS  
DE BILAC O EXEMPLO SEGUIR  
SE DA ORDEM NÓS SOMOS HERDEIROS  
LEGAREMOS PROGRESSO AO PORVIR

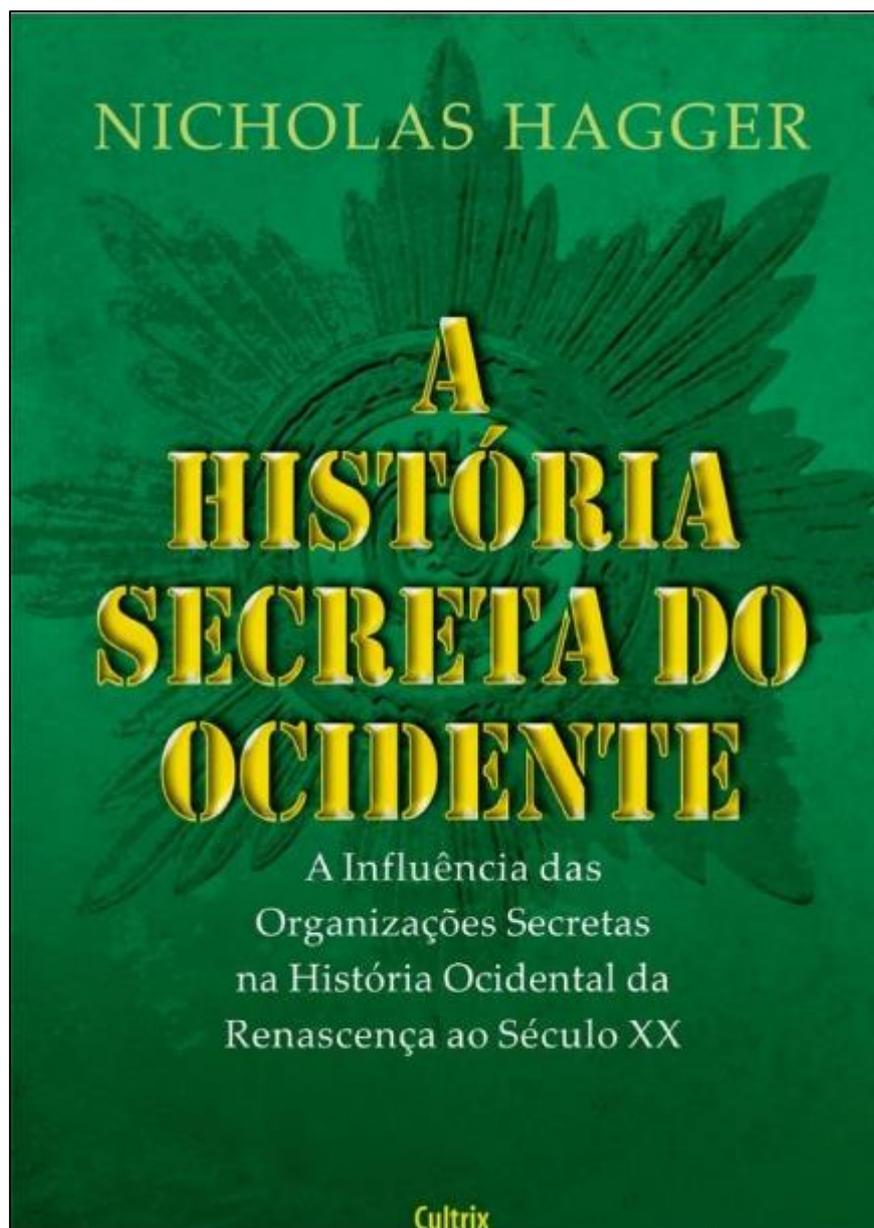
### IV

FIEIS À CHAMA QUE TEMOS NO PEITO  
COM O BEM COMBATEMOS O MAL  
AOS HERÓIS RENDEREMOS O PREITO  
CONSTRUINDO A RESERVA MORAL

### ESTRIBILHO

Ó LIGA  
DA DEFESA  
NACIONAL  
PALADINA E SOBRANCEIRA  
POIS SERVIR É TEU NOBRE IDEAL  
À GRANDEZA  
BRASILEIRA

Obra adquirida e que está à disposição dos integrantes da AHMTB/RS:



HAGGER, Nicholas. A História Secreta do Ocidente. A influência das Organizações Secretas na História Ocidental da Renascença ao Século XX. São Paulo: Cultrix, 2010, 528 páginas.

@@

Publicação do Centro Brasileiro de Relações Internacionais - CEBRI

### UCRÂNIA - RESUMO

O presente trabalho tem como objetivos contribuir para a análise da inserção da Ucrânia no sistema internacional pós-Guerra Fria, desde a independência com o fim da União Soviética em 1991 até a crise de 2014, bem como para a compreensão do

retorno da tensão entre a Rússia e os Estados Unidos, partindo deste recorte específico da Ucrânia. Neste sentido, será feita uma análise geopolítica que dê conta da dinâmica competitiva dos Estados no sistema internacional e suas transformações com o fim da Guerra Fria e uma análise histórica que busque tendências de caráter estrutural na história da Ucrânia sob o prisma do poder, destacando sua geografia e formação territorial, que são aspectos que se circunscrevem na temporalidade de longa duração, de acordo com o historiador Fernand Braudel.

A nossa hipótese é que a disputa por influência na Ucrânia independente, do ponto de vista do sistema internacional, é resultado de um movimento duplo que vem ocorrendo desde o fim da Guerra Fria: a expansão da influência dos Estados Unidos através da OTAN e da União Europeia para os espaços pós-soviéticos desde o fim da URSS; e o ressurgimento da Rússia como potência regional a partir do início do século XXI, após passar por grave crise econômica nos anos 1990, voltando (a Rússia) a projetar poder no seu entorno, como no caso da Ucrânia. Tal antagonismo, que se manifesta na Ucrânia, entre Rússia e Estados Unidos, tem um caráter estrutural, relacionado à condição geográfica fundamental da Rússia, definida como área pivot do mundo por Halford Mackinder.

De acordo com Andreas Kappeler, não se pode escrever uma história da Ucrânia, ou sobre as instituições estatais ucranianas, seu comércio e centros urbanos abordando somente os ucranianos. O território da Ucrânia sempre foi habitado por diversas etnias e grupos sociais em diversos momentos. A história ucraniana será analisada aqui a partir da relação entre o espaço e a expansão do poder, as racionalizações e as decisões estratégicas dos países que exercem poder fora de suas fronteiras.

## **A Rus Kievana**

No período do século IX ao XII, a Rus Kievana foi uma confederação de tribos eslavas orientais e vikings que habitaram as adjacências dos rios Volga e Dnieper. Três países modernos tem sua origem neste Estado medieval: a Rússia, a Ucrânia e a Bielorrússia. A conquista de seu território se iniciou com o líder viking Rurik, que era um varegue originário da Suécia, entre os anos de 862 e 879. No ano de 880, teve lugar a conquista de Kiev pelo seu sucessor, Oleg, estendendo seu domínio desde Novgorod, nas proximidades do rio Volga, até o rio Dnieper.

A Rus Kievana foi a primeira aspirante a império do Leste Europeu e mantinha relações regulares com o Império Bizantino ao Sul do Mar Negro, o que possibilitou a conversão dos rus-kievanos ao Cristianismo Ortodoxo. Do ponto de vista demográfico, a união de vikings escandinavos com eslavos orientais nativos se deu por duas razões:

- os vikings se valeram dos rios que descem do Norte em direção a Kiev;

- os eslavos orientais tinham a necessidade de expandir seu território devido aos solos pouco férteis da região, que ameaçavam o fornecimento de alimentos para a sua população.

No século IX, a Rus Kievana obteve relativo sucesso econômico, com a exportação de cera de abelha e peles, e suas lideranças, especialmente Oleg e Sviatoslav, aspiravam construir um poderoso Império que controlasse o comércio do Mar Báltico e do Mar Negro. Seus esforços de conquista lograram sucesso em sua fronteira Oeste, acelerando a queda do Caganato Cazar, com o qual havia disputas comerciais.

Entretanto, ao leste não houve progresso em direção ao Império Bizantino e à Bulgária. Até então, a Rus Kievana buscava mais se consolidar internamente antes de poder esperar ser uma potência relevante na sua região. Em 980, após uma divisão da dinastia Rurik, que teve como consequência a separação da Rus Kievana em dois principados, o príncipe de Novgorod, Vladimir I, reconquistou Kiev e consolidou seu domínio reunificando o seu território. Foi instituída uma estrutura legal e administrativa, além de o Cristianismo ter sido adotado como religião, tendo Vladimir I sido batizado como apóstolo da Igreja Ortodoxa. Todavia, o processo de conversão ao cristianismo da população da Rus-Kievana foi difícil e levou séculos para se concretizar.

O esforço de unificação perpetrado por Vladimir I não prosperou e já no século XI a Rus Kievana começou a se desintegrar em vários principados. Desde o início, foram travados em seu território conflitos constantes com os nômades das estepes. Em meados do século XIII, a Rus Kievana foi finalmente derrotada e conquistada pelos mongóis sob a liderança de Batu Khan, neto de Genghis Khan. A expansão dos mongóis em direção ao Ocidente se deu em busca de novos pastos para os seus cavalos, após o esgotamento destas áreas em seu território. A vitória dos mongóis empurrou os russos para o norte, para cidades como Smolensk, Novgorod, Vladimir e Moscou, sendo esta última a que ganhou maior importância devido à sua localização vantajosa para o comércio, pois lá nascem diversos rios, destacando-se o rio Volga.

### **Conquistar corações e mentes é o que vale**

O conflito na Ucrânia parece marcar o final do período pós-Guerra Fria', afirma historiador. Em entrevista ao GLOBO, Angelo Segrillo, um dos principais pesquisadores sobre a Rússia e a ex-URSS no Brasil, aponta que a guerra também pode ser um marco de um novo mundo multipolar

Apontado como o mais violento conflito armado em solo europeu desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a guerra na Ucrânia completa um ano sem uma trégua ou vencedor a vista, e deixa para trás um legado de destruição e também de um novo contexto político global.

Em entrevista ao GLOBO, Angelo Segrillo, professor de História da USP e um dos principais pesquisadores sobre a Rússia e a ex-URSS no Brasil, aponta que a invasão de Putin pode marcar o fim de um período de aproximação entre Europa e Rússia iniciado com a queda da União Soviética e servir como ponto inicial de uma nova era multipolar, com EUA e China como potências globais.

**Um ano depois do início da invasão russa, já é possível observar a guerra de uma perspectiva histórica, como um evento que terá repercussões a médio e longo prazo?**

Eu acho que essa guerra já marcou um paradigma que é o seguinte: nós tivemos o fim da Guerra Fria com o final da União Soviética, depois tivemos um período pós-Guerra Fria que foi mais ou menos de aproximação. Aquele mundo bipolar havia acabado, a Rússia não era mais comunista e se aproximou do Ocidente nos anos 1990 com o Boris Yeltsin. Isso continuou de certa maneira no período inicial de Vladimir Putin, mas pouco a pouco foram se criando tensões. E essas tensões foram aumentando até eclodir nessa guerra aberta, que formalmente é entre Rússia e Ucrânia, mas que na verdade está afetando o bloco da Otan. O conflito na Ucrânia parece marcar o final do período pós-Guerra Fria. Ainda é cedo para falar isso, mas a guerra também pode marcar um período do final da hegemonia dos EUA. Porque a China está em alta, amparada pelas pressões por um mundo mais multipolar, ao contrário do modelo unipolar do pós-Guerra Fria. Então eu acho que a guerra vai marcar exatamente o final desse período de aproximação entre esses campos, Ocidente e Rússia/China, e o início de um novo período que provavelmente vai ser mais multipolar, com novas tensões que nós ainda não conhecemos

A guerra também selou o estreitamento dos laços entre Rússia e China, que está sendo fundamental para manter a economia russa nos trilhos.

Nós temos um momento de transição hegemônica. Uma transição como a da Inglaterra, do século XIX, para os Estados Unidos no século XX. Agora parece que estamos caminhando para uma transição hegemônica novamente, com a China prestes a ultrapassar os Estados Unidos como a primeira economia do mundo. E onde entra a Rússia? Ela é uma grande potência por natureza, é um país imenso, com muitos recursos minerais e que ainda tem o maior arsenal nuclear do mundo, uma herança da Guerra Fria. Então esse poder nuclear, com esse poder natural e o seu tamanho, fazem da Rússia uma grande potência. Mas na competição econômica, ela está caindo, e com esse novo momento, o da guerra, que trouxe muitas de sanções do mundo ocidental, a Rússia está sendo obrigada a se aliar cada vez mais com a China, o que lhe parece favorável porque a China também quer um mundo mais multipolar. Mas há o problema da Rússia se tornar dependente da China economicamente. **Putin quer se tornar independente do Ocidente e pode acabar dependente da China, então esse é um dilema.**

**Essa questão da dependência econômica pode ser um fator de risco para o poder de Putin, que repetidas vezes prometeu fazer da Rússia uma potência global novamente?**

Eu diria que esse é um risco mais no longo prazo do que no momento atual da guerra. Por enquanto a elite está agrupada em torno de Putin. Aqui no Brasil não temos essa percepção, mas nos Estados Unidos ou na Rússia, quando há uma guerra, existe um fenômeno que inglês se chama "rally 'round the flag" ("união em torno da bandeira"). Você vê os Estados Unidos lançarem uma guerra e logo republicanos e democratas se juntam. Na Rússia atual está acontecendo mais ou menos a mesma coisa: o grosso da população, que se informa mais pela televisão, acredita na propaganda do governo russo. O que eles veem lá não é o ucraniano sendo bombardeado, o que eles veem são russos étnicos na Ucrânia sendo bombardeados. A guerra também multiplicou o poder repressivo do Putin, agora ele não precisa mais ficar se escondendo atrás de pequenas demonstrações de democracia, agora é censura direto e pronto. Muitos jovens que queriam uma Rússia mais ocidentalizada simplesmente saíram do país para não serem convocados para o Exército, e muitos que eram contra Putin foram presos, como Alexei Navalny. Agora, no longo prazo, se não houver uma vitória decisiva, como não estão conseguindo, e as sanções continuam a afetar a economia, pode haver um desgaste da imagem do Putin, mas ele ainda segue forte hoje.

**Falando agora da Ucrânia, podemos afirmar que as relações entre Rússia e Ucrânia estão definitivamente abaladas?**

Definitivamente abaladas. Isso se a Rússia não conseguir anexar toda a Ucrânia, conquistando um governo fantoche no lugar. Mas tirando esse cenário, creio que não há mais volta. Hoje Putin está tentando anexar aquelas regiões onde vivem os ucranianos etnicamente russos. E os que ficaram no restante da Ucrânia são os ucranianos "étnicos", mais ligados ao Ocidente do que à Rússia, e houve um racha, eles agora odeiam a Rússia. Nos anos 1990, alguns deles tinham uma ligação com a Rússia, falavam russo. Mas com a guerra tudo mudou. Também não podemos dizer que todos cidadãos ucranianos de origem russa são a favor da Rússia, muitos deles não concordam com Putin, mas não podem falar muito. Se falarem, podem ser considerados traidores em suas regiões.

A invasão russa também acendeu sinais de alerta em outras ex-repúblicas soviéticas, como na região do Báltico e na Ásia Central, que vinham dando passos para longe de Moscou?

Os países bálticos, como já são parte da Otan, eram os mais anti-Rússia de todos, porque eles foram independentes entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais e foram reanexados, eles antes faziam parte do Império Russo. Então eles eram de uma parte mais antisoviética, e hoje fazem parte da Otan, têm seu guarda-chuva de segurança, estão relativamente tranquilos. Já países como o Cazaquistão, que sempre teve uma boa relação com a Rússia, estão com medo de que os russos façam o mesmo que

fizeram na Ucrânia. No ano passado, houve um levante contra o governo central cazaque, e as autoridades pediram a ajuda de tropas da Rússia para controlar a situação. Então o governo ficou novamente refém da Rússia. Mas há esse temor também na Moldávia e na Geórgia.

Um outro elemento na guerra é a diferença nas reações do Ocidente, que estão ao lado da Ucrânia, e de países não-ocidentais, que adotaram uma postura neutra. Isso pode ser considerado um exemplo desse novo mundo multipolar?

O que eu acho é que, nessa guerra, Putin está tentando jogar todo o resto do mundo contra o Ocidente, incluindo a China, e os EUA estão colaborando de certa maneira porque estão "batendo" muito na China, e isso aliena os chineses. E os demais países, incluindo os países em desenvolvimento, adotaram essa posição de neutralidade também por questões econômicas. Eles dependem muito dos fertilizantes da Rússia, do trigo da Rússia. Putin está usando essa arma também, para fazer um jogo geopolítico e que pode ter um certo sucesso, uma vez que a China está na mira dos Estados Unidos, que estão travando uma guerra econômica e geopolítica contra Pequim. Nós estamos em um momento perigoso da História.

#####

"A estratégia é uma economia de forças".

Carl Von Clausewitz

"Para alcançar a vitória devemos concentrar nossa força no centro de poder e movimento do inimigo. Seu centro de gravidade".

Carl Von Clausewitz

\$

**Editor:**

**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS**

**[lecaminha@gmail.com](mailto:lecaminha@gmail.com)**

**Sites: [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e [www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)**

**Site do NEE/CMS: [www.nee.cms.eb.mil.br](http://www.nee.cms.eb.mil.br)**

**Site do Núcleo Militar de Gramado: [www.nuclev.com](http://www.nuclev.com)**

**Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta: <http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>**